
A PELE MORTA

# APRESENTAÇÃO

A Pele Morta é um longa-metragem de ficção dirigido por Denise Moraes e Bruno Fatumbi Torres que acompanha uma viagem pelas fronteiras vivas e invisíveis da América Latina.

No centro da narrativa está Saulo, um jovem guarani-kaiowá, rapper que transforma em rima a memória e a luta de seu povo. Marcado pelo luto recente pela morte do irmão, ele aceita trabalhar para Justo, um caminhoneiro uruguaio que atravessa um momento de ruptura depois de ser despejado da oficina mecânica onde trabalhou durante décadas.

Juntos, eles partem pelas estradas do interior do Paraguai a bordo do velho caminhão “Nuestra América”, em busca de trabalho. No caminho, encontram Rosario, uma jovem paraguaia que carrega uma mochila e uma antiga carta da irmã, de quem não tem notícias há muito tempo.

A viagem transforma o caminhão em espaço de encontro entre três pessoas atravessadas por perdas, deslocamentos e desejos. Entre estradas e fronteiras, Saulo, Justo e Rosario constroem, aos poucos, uma convivência marcada pela solidariedade, pelo companheirismo e pela busca por aquilo que ainda os move.


BLACK
BULLS

A Pele Morta constrói uma narrativa atravessada pela diversidade linguística e cultural da América Latina. O filme percorre fronteiras geográficas e também aquelas que são invisíveis: as fronteiras do pertencimento, da memória, do luto e da identidade.

Como a pele morta que permanece como vestígio, o passado acompanha os personagens durante toda a viagem. Mas a estrada também aponta para a possibilidade de seguir adiante.



# Sinopse

Em meio ao luto pela morte do irmão, Saulo, um jovem rapper guarani-kaiowá, já não vê mais sentido em cantar. Ele aceita trabalhar para Justo, um solitário caminhoneiro de origem uruguaia despejado da oficina mecânica que ocupou por décadas na fronteira brasileira. Em busca de fretes, os dois partem pelas estradas do interior do Paraguai a bordo do velho e resistente "Nuestra América". Quando finalmente conseguem serviço transportando uma mudança com destino ao Chaco, eles dão carona a Rosario, uma obstinada jovem paraguaia que leva consigo uma carta da irmã, de quem não tem notícias há muito tempo. A convivência entre os três enche de vida a boleia do caminhão, enquanto a viagem atravessa as fronteiras invisíveis de uma América Latina em movimento.

# PERSONAGENS

Justo
Saulo
Rosario

# Ficha Técnica

Ano: 2026
Duração: 82 minutos
Direção: Denise Moraes e Bruno Fatumbi Torres
Roteiro: Daniel Tavares
Produção: Solange Souza Lima Moraes - Sol Moraes
Produção Executiva: Tati Guimarães, Emerson Rodrigues e Solange Souza Lima Moraes - Sol Moraes
Direção de Fotografia: Antônio Luiz Mendes
Diretor de Arte: Carlo Spattuza
Direção de Som: Fernando Cavalcante
Direção de Produção: Marcela Costa Amanda Nascimento
Elenco Principal: César Troncoso, Luan Iturve, Ivana Gomez.
Atores Convidados: Hebe Duarte e Ever Enciso
Figurinista: Claudia Witener
Fotografia: Biel Gomes
Maquiagem: Ana Pieroni
Supervisão de Finalização: Dirceu Lustosa
Edição de Som: Carlos Gebara.
Produtores Associados: Fabiano Gullane, Caio Gullane e Eva Pereira.
Produtora: Araçá Filmes

# Diretores

Denise Moraes é diretora e roteirista, formada em Cinema pela Université Paris VIII e com mestrado e doutorado pela Universidade de Brasília. Bruno Fatumbi Torres é cineasta, ator, produtor e ambientalista, com mais de 50 prêmios individuais. Em “A Pele Morta”, os irmãos assinam juntos a direção, neste filme em homenagem ao pai cineasta Geraldo Moraes.



# Produtora

***Solange Souza Lima Moraes - Sol Moraes***

Produtora executiva, cineasta e agitadora cultural, com mais de 30 anos de atuação no audiovisual e reconhecida como uma das referências do cinema na Bahia e no Brasil. Formada em Cinema pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é idealizadora da Araçá Filmes, produtora audiovisual que atua há 25 anos em diálogo com a diversidade cultural brasileira e latino-americana. Ao lado do cineasta Geraldo Moraes (in memoriam), Solange construiu uma trajetória marcada pela realização de mais de 40 obras, entre curtas e longas-metragens, em produções próprias e coproduções nacionais e internacionais. É também associada à Academia Brasileira de Cinema.

# Roteirista

***Daniel Tavares***

Roteirista, consultor de roteiro e docente. Graduado em Comunicação Social pela UFRJ e em Roteiro Cinematográfico pela EICTV, em Cuba, é mestre em Estudos Latino-Americanos pela UNILA. Foi coordenador da Cátedra de Roteiro da EICTV entre 2011 e 2013 e atua na formação de roteiristas no Brasil e em outros países da América Latina. É roteirista do longa-metragen, A Pele Morta. Atualmente, é professor no Centro de Capacitación Cinematográfica (CCC), no México.

# Entrevista

***Um filme como A Pele Morta atravessa diferentes territórios, países e contextos de produção. Como foi construir a engenharia necessária para transformar esse projeto em realidade?***

É incrível pensar nisso hoje, 15 anos depois de ter recebido o convite para produzir esse filme. Foi depois dessa produção que criei o curso “A Engenharia da Produção no Cinema”, pois foi no descarrilar desse trem que percebi a importância do planejamento — não apenas para que as coisas deem certo, mas também para saber o que fazer se algo fugir do nosso controle. Um acidente, uma morte inesperada, uma mudança drástica de câmbio com a equipe já em campo.

Pra começar nós tínhamos planejado filmar e dois países que não tem acordo bilateral com o Brasil. Já é um fator de insegurança. Segundo um filme falado em 3 línguas: Espanhol, Guarani e Português. Três atores de nacionalidades diferentes. Equipes de comunicando-se no Portunhol, embora, para a equipe chave, eu consegui o apoio do Caballeros de Santiago, com bolsa um ano antes para conhecer o espanhol básico. Mas vamos para o começo, em 2011, nos encontramos com o Daniel Tavares na EICTV, a escola de cinema de Cuba, onde meu marido, Geraldo Moraes, abria a cátedra de Polivalência por quatro anos. Lá, o Daniel Tavares, coordenador da “Cátedra de Roteiros”, nos apresentou o roteiro de A Pele Morta. De 2012 a 2013, fomos construindo uma ponte entre Cuba e o Brasil. Em 2014, nos inscrevemos no PRODAV 05 para desenvolvimento e fomos selecionados.



Passamos um ano desenhando o projeto. Primeiro, o Daniel fez uma viagem por todo o trajeto onde filmaríamos. Depois, veio para Salvador e passou alguns dias com o Gê reescrevendo o roteiro. Na sequência, desenhamos a produção e fomos para o Rio Content Market (na época). Lá, encontramos a Gabriela Sabaté, da Sabaté Filmes, do Paraguai, e a proposta era que ela fizesse a coexecução do longa.

Foto: Juliana Buosi

# Entrevista

O período de 2016 a 2017 foi o processo de convites aos chefes de departamentos, o Geraldo já havia se reunido com o fotógrafo, Antônio Luiz Mendes, para pensar a fotografia, as câmeras que queriam usar e a luz. Fechamos com o Petrus Barreto, um advogado experiente; conhecemos o Carlo Spatuzza, Diretor de Arte, pela internet pois, para o Gê, era importante ter uma assinatura criativa vinda do Paraguai. Ele também conversou muito com o Fernando Cavalcante, técnico de som, e com a Denise, filha, que seria a primeira assistente de direção.

Assinei o contrato no dia 28 de julho, meu marido faleceu no dia 5 de agosto e o dinheiro entrou na conta em 28 de agosto

Eu já não conseguia mais pensar no filme; mergulhei na dor da perda e me entreguei à depressão. Não queria mais saber do projeto. Todos os sonhos desfeitos. Só restava o pesadelo.

Mas, em 2018, voltei para rodar o filme. Convidei a Denise e o Bruno para a direção, ambos filhos do meu marido, e fui convencer a ANCINE de que deveriam ser eles a dirigir, para homenagear o pai. Não foi fácil, porque a ANCINE entendia que, como o PRODECINE 05 era voltado para cineastas veteranos, precisava ser alguém à altura do Gê. No final, aceitaram os dossiês que encaminhei.

Mantivemos o núcleo que havia sido montado com o Gê. Fomos para o campo para que os novos diretores vissem as locações, fizessem testes com atores, selecionassem o elenco e trabalhassem o roteiro.

No meio de tudo, uma eleição: o Brasil perde seu estado democrático e o dólar dispara de R$ 2,75 para R$ 4,07.



Orçamento estourado, equipe na estrada, não tinha como voltar. Fomos aconselhados a interromper tudo e esperar o dólar baixar para retomar as filmagens. Fiz uma conta rápida e vi que, se desmontássemos o set, nunca mais voltaríamos a filmar. E foi a decisão acertada, porque o dólar nunca mais baixou... Mesmo com o valor atual, é o dobro de quando começamos.

# Entrevista

Porém, o PRODECINE 05 não permite captação complementar. Então, nestes longos anos, inclusive após a pandemia, percorri mercados e festivais em busca de parceiros e coprodutores. Depois que o filme está filmado e montado, fica mais difícil. A Eva Pereira, que admirava muito o Geraldo, prontificou-se a apoiar com a edição de som. Mas ainda faltava a imagem. Até que em janeiro de 2025, no meu festival, Os Filmes que eu Não Vi, conversando com o Fabiano Gullane, ele me disse: "Vamos terminar esse filme em homenagem ao Geraldo". E hoje estamos abrindo o Festival de Brasília graças a eles, que toparam finalizar o longa.

Naquela mesma época, saí do set de A Pele Morta e entrei direto no set de Longe do Paraíso e, na sequência, no de Nina. Rodei três longas-metragens no espaço de oito meses. Acabei estafada.

***Entre captação de recursos, planejamento, preparação, filmagens e finalização, quais foram os principais desafios para colocar o filme de pé?***

O filme estava muito bem desenhado e articulado. Mas eu não contava com uma morte no meio do caminho e uma pandemia pós-filmagem, em um projeto rodado entre fronteiras, por estradas vicinais da América Latina. Eu estava viúva, sem poder viver meu luto e muito sozinha no papel de produtora. A nossa produtora parceira do Paraguai, quando viu a demora da ANCINE com os contratos e o aumento do dólar, disse: "Não quero mais seguir e aconselho você a parar a produção". Acho que o meu maior desafio foi continuar, no luto, com pouco dinheiro tendo que pagar em dólar — ou seja, o que custava 15 mil virou 30 mil. Meu desafio era terminar o filme viva. Saí do set direto para os médicos.



***O projeto também carrega uma dimensão muito afetiva, especialmente pela relação com Geraldo Moraes e pela continuidade de um filme que ele havia idealizado. Como equilibrar o compromisso de realizar a obra com a responsabilidade emocional de preservar esse legado?***

# Entrevista

Minha sanidade mental foi mantida por milagre. Estar na Ruta Transchaco, uma rodovia nacional que atravessa o Chaco paraguaio, acompanhada pelo exército local, viúva, com o fim do estado democrático no meu país e o dólar dobrado... Eu digo que o Gê esteve ao meu lado espiritualmente. A equipe era muito boa. Os diretores seguraram bem a onda: a Denise e o Bruno na direção, e os chefes de departamento — Antônio Luiz na fotografia, Carlo Spatuzza na arte, Fernando Cavalcante no som. As diretoras de produção, Amanda e Marcela, também seguraram muito bem os seus núcleos. Na retaguarda, a produção executiva fazia e refazia o orçamento. O Emerson Rodrigues foi fundamental porque, em Filadélfia, já na fronteira com a Bolívia, temi faltar dinheiro para voltar para casa.

Despachamos a equipe e ficamos ele e eu, fechando os pagamentos. Fomos equilibristas em uma corda bamba, temendo que cair a qualquer momento.

***Existe uma diferença entre produzir um filme e acompanhar a transformação de um projeto ao longo de tantos anos. O que A Pele Morta ensinou a você sobre permanência, resistência e produção cinematográfica?***

Como produtora, esse projeto me ensinou que, mesmo planejando tudo, temos que prever possíveis fatalidades, casos fortuitos e a flutuação cambial no meio de uma filmagem com a equipe inteira na estrada. Ensinou-me que o produtor é o único responsabilizado se algo acontece e é o único que precisa encontrar a solução. E, quando a encontra, não fez mais do que a obrigação.



São 16 anos entre o convite inicial e está pré-estreia na abertura do Festival de Brasília. Muitas noites em claro, muita angústia e a tristeza de ter perdido o meu parceiro, amigo e amante amado de uma forma tão trágica.

# Entrevista

***Agora que o filme chega ao público, o que significa para você ver essa trajetória sair do campo do projeto e encontrar finalmente os espectadores?***

Esta é a primeira exibição pública do filme. Para mim, significa que a criança nasceu e está entregue ao mundo. Depois, seguimos com as inscrições em outros festivais e com a distribuição. A recompensa é ver o filme pronto e ver parte da equipe se deslocar, pagando do próprio bolso, para assistir à exibição agora no Festival de Brasília. A distribuidora bancou a vinda dos atores internacionais. Já o nosso roteirista, o "pai da criança", está bancando a própria vinda do México, incluindo hospedagem e alimentação. É de uma generosidade sem limites.

Em Brasília vamos encontrar o público pela primeira vez. Espero que gostem e que divulguem. E também é uma homenagem ao um marido que foi professor de cinema da UNB, coordenou o curso de cinema por 30 anos. Onde mora seus filhos, netos e bisnetos.
Mas o encontro de uma obra com o público é outra etapa do projeto em que raramente conseguimos cumprir o desenho original que projetamos, pela falta de verba, de salas e de espaço. Nossa proposta inicial era uma distribuição alternativa grande e de impacto, mas o edital que ganhamos para a distribuição só permite fazer o formato convencional. Vamos tentar captar mais verba, mas, para isso, o dinheiro precisa existir no mercado.

Sigo com esperança que o filme, assim como encontrou o caminho para ficar pronto, com todos estes percalços, também encontre seu público. É o que todos produtores e Diretores sonham.



# Entrevista

***Como nasceu o roteiro de A Pele Morta e como, ao acompanhar as trajetórias de Saulo, Justo e Rosário, você trabalhou as fronteiras geográficas, sociais e afetivas entre Brasil, Paraguai e Bolívia, fazendo da estrada e da viagem não apenas um deslocamento, mas também uma experiência de transformação dos personagens?***

A semente deste roteiro vem lá de 2008, quando escrevi o meu primeiro roteiro de longa na conclusão do curso de roteiro na EICTV, em Cuba. Mas era um roteiro muito diferente então: os personagens, os temas e as situações dramáticas eram outras. Entendendo-o como um processo de aprendizagem, deixei aquele roteiro na gaveta e só fui voltar a ele anos depois, ao pesquisar sobre identidades e simbioses culturais nas regiões de fronteiras sul-americanas para um futuro projeto de mestrado. Foi aí que conheci de perto a trajetória e a música dos Brô MCs, em Dourados/MS, e senti vontade de retomar o roteiro antigo, mas com as premissas ancoradas num contexto novo, em que se abordassem temas como pertencimento e solidariedade através de uma viagem transfronteiriça na América do Sul. O protagonista Saulo é muito inspirado nos Brô e nos jovens que conheci na Jaguapiru-Bororó naquela época: uma juventude atravessada por lutos constantes e prematuros no centro de uma grande angústia geracional, mas que também encontra âncoras no território, na memória e na reivindicação legítima de uma identidade cultural sempre em transformação - neste caso específico, através do rap.



É assim que no roteiro, afetado pela morte recente do irmão, Saulo deixa a música e busca na estrada um escape provisório para todas as suas angústias. Ele precisa se reencontrar.

# Entrevista

Já o caminhoneiro Justo surgiu depois. Branco, pertencente a outra geração e com toda uma vida gasta na estrada, o personagem estabelece duas relações com Saulo: uma inicial, de tensão patronal, que estabelece e reproduz dinâmicas de poder através do trabalho; e outra que se constrói ao longo do caminho, uma relação de solidariedade que se estabelece na estrada, onde o convívio e a empatia podem ser transformadores. E através da viagem a oportunidade de abordar outras questões bem nossas e bem latino-americanas, da precariedade laboral à esperança teimosa, como todos os que atravessamos fronteiras por imperativo de subsistência: como Justo, vamos aonde há trabalho; e como Saulo, voltamos quando há raiz ou quando há uma boa razão para voltar.

Com a personagem de Rosario, a ideia era materializar esse otimismo e essa esperança na figura de uma jovem tenaz e destemida, que busca a irmã de quem não tem notícias há muitos anos. Rosario e Saulo são estes pequenos planetas órfãos de seus satélites, mas que acabam encontrando um no outro uma providencial órbita provisória que os impulsiona a seguir adiante. Falando de identidades e construção afetiva, também é através de Rosario que o guarani se naturaliza na viagem, o que termina por estabelecer distintas dinâmicas de conversação na boleia do caminhão, ao mesmo tempo includentes e excludentes, e ocasionalmente tensas: Rosario e Saulo conversam em guarani; Saulo e Justo conversam em português; Justo e Rosario conversam em espanhol.



***O título A Pele Morta carrega a imagem da muda da cobra, relacionada à necessidade de deixar para trás uma pele antiga para que outra possa surgir. Em que momento essa metáfora passou a orientar a construção da história?***

# Entrevista

Esta imagem da muda sempre foi uma das imagens norteadoras do projeto desde o seu início: inclusive desde a primeira semente daquele roteiro original de 2008. Talvez o que mais me fascina nesta metáfora é o seu próprio paradoxo: é esta pele que justamente por morrer permite a sua própria renovação e a sobrevivência dos seus seres. Com esta premissa nunca pretendi ficar na superfície do termo, ou tratar da "pele" apenas como indício ou elemento de identidade étnica ou racial, e sim em um sentido mais amplo, o de que necessitamos, muitas vezes, assumir que para seguir adiante precisamos deixar parte do que um dia fomos ou do que nos constituiu para trás, para reinventar-nos: e neste sentido, desprendimento não é o mesmo que esquecimento, muito pelo contrário.

Após a muda, a cascavel usa a pele morta já não como pele, e sim como chocalho, como o seu maior instrumento de defesa: e é assim como também entendo a nossa pele morta – já não como pele, e sim como memória. E é justamente a consciência dessa memória que, de alguma maneira, move os personagens do filme e que desenha os seus destinos. No caso de Saulo, Rosario e Justo, eles precisam liberar-se da própria pele morta para seguir adiante, e entendem que é preciso reivindicar sua memória para não se perderem.






Distribuição
borboletasfilmes@gmail.com